A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano II—Numero 104 · *reço avulso 1 Escudo* · *12 Paginas*

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELE. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS – TEATROS SPORTS & AVENTURAS – CONSULTORIOS & UTILIDADES

Um gesto de inteligencia oportuna

Um predio, no Rego, abateu. Três creanças, em perigo de vida, lançaram-se duma janela sobre o capote aberto dum militar que passava e a isso se prestou..

LER DENTRO BRILHANTE COLABORAÇÃO de Artur Portela, Feliciano Santos, Augusto Cunha, Noberto Lopes, Carlos Abreu, Leitão de Barros, Tomaz Ribeiro Colaço, etc.

O DOMIN[GO]
ilustrado

ANO II — N.º 104

LISBOA 9 DE JANEIRO DE 1927

PROPRIEDADE DA EMPREZA *O DOMINGO Ilustrado*
DIRECTORES: *LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA*
REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—Rua D. Pedro V 18—Telefone 631 N.—EDITOR *JULIO MARQUES*—IMPRESSÃO—Rua do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

cronica da semana

A DIVIDA DE GUERRA

Até que enfim, temos a nossa divida de guerra consolidada! Pelo acôrdo assinado em Londres, precisamente no ultimo dia do ano, cada um de nós fica devendo á Inglaterra uma libra — se estivermos dispostos a liquidar o débito a pronto pagamento.

E' sabido que temos outras dividas — que não são de guerra. Tambem temos dividas de paz. Essas vão um pouco mais além da cifra estrelina, que ficou sendo o nosso mais pesado fardo da guerra.

E de tal sorte que se quizessemos pagar o que devemos, para saber com o que ficavamos, cada português — homem, mulher ou criança; letrado, analfabeto ou guarda-nocturno — teria que desembolsar o melhor de treze libras, para ficar quite com a consciencia nacional.

E' a isto que se chama «capitação».

Ora se há portugueses que podiam contribuir para o tesouro com aquela quantia sem ter que alterar o numero de pratos ao almoço, há outros que não teem, positivamente, dez reis para mandar cantar um cego. E estes constituem a grande maioria.

Em vez de pagarem a capitação que lhes compete, esses patriotas prefeririam que lhes cortassem a cabeça — que o papá e a mamã lhes ofereceram por engano...

NORBERTO LOPES

Má língua

A ESTRELA DOS REIS

Andava Balthazar fazendo o chylo
nos terraços, depois do seu jantar,
que fôra lauto, explendido, tranquilo.
Anoitecêra. Ia nascer o luar.

Legiões vastas de rythmicas palmeiras
estampadas no ceu profundo e baço
aninhavam em sombras pranzenteiras
as muralhas cyclopicas do paço.

As toadas de canções e prophecias
subiam no ar como um cançado harpejo;
dos ninhos, entre as altas ramarias,
baixava um cochichado rumorejo.

Nos pateos, sobre o matto dos curraes,
conchegavam-se as récuas de camêlos;
olhando, calmo, as vastidões astraes,
o Rei passava a mão pelos cabellos.

De repente, num canto do horizonte,
um doirado clarão tremeluziu,
e, como um pingo de agua de uma fonte,
uma estrelinha esphyngica surgiu.

Não era um grande incendio de floresta
que atira ao longe o seu clarão de horror;
nem distante reflexo de uma festa
tingindo o céu de um rutilo pallor...

Porisso Balthazar, num pasmo ancioso
que não analyzou nem definiu,
ouvindo o chamamento luminoso
aparelhou montada, e se partiu...

E outros viram a estrela e a seguiram
tambem alvoroçados, só de a ver,
pois que não a entenderam quando a viram,
e a procurâram só para a entender.

Venceram a aspereza dos caminhos
onde havia mais cardos do que flores;
e os Reis, estraçalhando seus arminhos,
irmanaram-se a escravos e pastores.

Foram legiões que se movimentaram
mal a estrellinha clara scintilou.
Gaspar... Melchior... — Nenhuns lhe perguntaram
porque fulgia, nem para que os chamou.

Hoje, falam da estrella com desdém,
qual de um olhar satanico, inimigo,
como se fosse um venenoso bem
a luz que derramara o sonho antigo...

Juram que Balthazar, na era presente,
se visse a estrella, ficaria immovel
ou ia, muito mais commodamente,
«ver o que aquilo era» — de automovel.

Por lei, é prohibido acreditar
em quanto, outr'óra, era o melhor alento;
—e é muito perigoso hostilizar
as ferreas leis do Livre Pensamento...

Ora a verdade é que a estrellinha vive,
—digo-o sem sentar praça entre os prophetas—
e embora, triste, mais e mais se esquive,
frequenta o horizonte dos poetas.

São elles os Reis Magos — e os pastores,
nesta quadra sem luz nem devoção.
Mirrha? Oiro? Incenso?... Unicamente flores,
quando no céu azul dos sonhadores
se ergue, fulgura, e treme, a Inspiração;

TAÇO

HA um proverbio nacionalissimo [...] «Comer e dizer mal é manha [...] tugal». Ultimamente, porque [...] sistencias escasseiam, a manha está q[...] duzida ao dizer mal.

Eu não sei como se possa explicar qu[...] país como o nosso, em que tudo é doce, de o clima ao olhar das mulheres, se man[...] tão inveterada tendencia para azoimar tu[...] todos, com aquela maledicencia corrosiva, [...] nos é peculiar.

O mais nobre rasgo, o acto mais cobarde, [...] artigo de fundo mais sensaborão, o livro [...] versos mais mimoso, tudo constitue pretex[to] para a má lingua para aquele azedume qu[e] deixa no espirito um travo semelhante ao q[...] pica na boca depois duma ceia de maris[co] que é perciso afogar num mar de agu[a de] Vidago.

O prato da resistencia da má lingua [...] na — quando já todas as reputações foram [...] tigadas e a conversa está em riscos de [...] por falta de materia prima — é o país. [...] que comecei a ligar ás palavras ouvidas [...] pectivo significado, acêrca do país não [...] adquirido outra noção senão esta: qu[...] perdido. Aos oito anos, como aos trin[...] ca ouvi dizer que o país ia, enfim, e[...] caminho da prosperidade, na rôta seg[ura] porto de salvamento. Em volta de mi[m] faziam afirmações de bancarrota, [...] da nacionalidade, afundamento de [...] força de ouvir falar assim e de ve[r] apezar de tão estranhas profecias, o [...] nuava a respirar, vim a convencer [...] afinal, o país tem sete folegos e [...] de comer á mesa do orçamento e [...] da comida é tão antiga como a pro[...] nalidade.

Com efeito, recorrendo-se a qu[...] pendio de historia logo se encontr[...] tos que demonstram a existencia d[...] nos primeiros tempos da monarqu[ia].

Lembram-se os leitores, por ex[emplo] das discordias de D. Afonso Henriques [...] respeitavel mamã, Dona Tareja? P[...] foi esse acto de rebeldia do jovem Af[onso con]tra a mãesinha, senão a consequen[cia da má] lingua a que, nas antecamaras do [...] Lanhoso e dos paços de Guimarães, [...] gavam infanções e ricos-homens, q[...] navam a influencia do conde de Tr[...] todos os cantos andavam dizendo: «[...] condado perdido!».

Ha que notar que eles só não diziam «país» por uma questão de modestia.

BREVEMENTE COLABO[...]
POSTUMA DE ANDRÉ B[...]

Os telegramas do peixe

Os serviços dos correios e telegrafos estão em Portugal muito mal organisados no que respeita á comodidade do publico.

Quem deseje deitar na Central um telegrama, das 5 ás 7 da tarde, terá que esperar longo tempo. A causa principal desta demora são as peixeiras que a essa hora principalmente invadem as bilheteiras, empunhando cada uma dez, vinte, e até quarenta telegramas, com as ordens do pescado, para toda a provincia. Assim pode-se estar num guiché uma hora e mais á espera.

Não haverá forma de remediar o caso?

Grandela & C.ª

Da conhecida casa Grandela recebemos vinte senhas para o bodo que anualmente distribue. Em nome dos pobres deste jornal contemplados, agradecemos.

Arquictetos estrangeiros

Houve na Camara Municipal o desplante de propôr que se chamasse um arquitecto estrangeiro para dar o plano da urbanisação de Lisbôa. Isto lê-se e não se acredita.

Estamos em 1927, na Europa, e num paiz onde ha representantes estrangeiros!

Instrução publica

Como se sabe, o governo abriu varios concursos para professores dos liceus. Os candidatos gastaram rios de dinheiro e perderam tempo para concorrer. A certa altura adiaram-se os concursos. Depois adiaram-se mais, e, neste momento, ninguem sabe o que ha sobre eles. Onde está aqui um pouco de consideração por quem acreditou no «Diario do Governo»?

Um lapso

Por lapso não dissemos no ultimo numero que o auctor do projecto da esplendida gare, que a Sociedade Estoril está construindo no Caes do Sodré é o distinto arquitecto sr. Pardal Monteiro, um novo que vem marcando brilhantemente.

QUEDA

— *Coragem, vizinho, já vai no primeiro andar!...*

O MILIONARIO

— *Já pensaste no que farias se tivesses a fortuna dest[e] tipo?*
— *Não, mas já pensei no que ele faria se tivess[e a] minha!*

SEGURANÇA

[...]ué, ainda na banheira [...] sem havida [...] seguro [...]

NO JARDIM ZOOLOG[ICO]

— *O macaco: O' velhote, como é que tu [...] te raspares da jaula?*

HUMORISMO

Pagina Alegre — por Xisto Junior

HISTORIA TRAGICO-MARITIMO

QUANDO o Rodrigues, chefe da secção de papeis de crédito da casa bancaria Marcos, Franco & Duro, Limitada, ouviu uma voz áspera dizer-lhe, do outro lado da meza em que alastrava o copo de água: «Faça feliz a minha filha ou comigo se tem de haver», ficou finalmente convencido de que estava casado e de que tinha uma sogra, dupla realidade que desde essa manhã escapava ao seu espirito, perturbado pela leitura dos artigos do código, que o oficial do registo civil fizera como se recitasse um monólogo duma tragédia clássica e enevoado pelos latins liturgicos do prior que o amarrara á Graziela, com voltas numerosas de estola.

Além dos discursos e duma indigestão de fiambre por parte do segundo padrinho, o copo de água decorreu sem incidentes dignos de nota, se exceptuarmos a noticia do mesmo que o conceituado semanário «Bom-Tom» inseriu em local áparte, a qual foi digna de nota de cincoenta escudos. Ao cabo de duas horas de dôces de ovos e de votos ainda mais dôces, o Rodrigues e a Graziela conseguiram fazer-se arrebatar por um automóvel para as delicias inefáveis duma lua de mel no Estoril.

E' forçoso que eu nesta altura esclareça o leitor sobre este novo casal, que vai correndo para o Estoril e para a felicidade. Nunca se vira união de dois temperamentos tão diferentes. Ele, conhecedor de fundos e cotações, só se interessava pela bôlsa: ela, alma embalsamada em romantismo, tomava a sério o seu lamartiniano nome de Graziela e era talvez a unica pessoa em Portugal que sabia de cór *A Judia*. E' deste fatal antagonismo das almas que se têm gerado as tragédias, desde Sofocles até ao contemporaneo sr. Sousa Costa.

Logo um fermento de discórdia começou a levedar a massa conjugal, quando no hotel o Rodrigues prosaicamente pediu um quarto e Graziela, emendando, reclamou uma camara nupcial, o que fez dizer ao gerente que a séde do concelho era em Cascais e que só ali Madame podia encontrar a camara desejada.

Alojados num quartosinho acanhado, como convém aos noivos, Graziela quiz ir vêr o mar. Rodrigues, que já enfiara umas chinelas muitissimo cómodas, calçou com esforço umas botas novas e o casal desceu á praia, ele munido dum exemplar do *Jornal do Comercio*, ela armada com as *Espadas e Rosas*, de Julio Dantas.

O oceano estava dum azul fresco, porque precisamente nesse dia recebera a demão de *ripolin* que uma vez por semana a Sociedade Estoril manda dar, desde S. João a Cascais, para manter a côr e os créditos da antiga e conceituada enseada azul.

A' sombra dum tôldo, Rodrigues enfronhara-se nas cotações do dia e Graziela, com leves suspiros, comtemplava os longes.

—Não há vagas!—murmurou ela, lamentando a serenidade do mar.

—Está tudo cheio!—rosnou ele, referindo-se aos hoteis apinhados.

Um novo silencio pezou. Com outro suspiro, Graziela sussurrou por entre os lábios:

—Gostava de ter um «Terra-Nova»...

—Estão a 55—esclareceu o Rodrigues, sem erguer os olhos do jornal.—Os *coupons* das Pescarias da Terra-Nova nunca mais atingem o par.

Ela, então, lembrou-se de que era noiva e que devia falar de amôr ao homem a quem o destino a entregara. Pôz-lhe a mão no ombro e preguntou-lhe com infinita meiguice:

—Guardar-me-hás sempre fidelidade?

—Se guardarei sempre?... O' filha, a «Fidelidade» é um papel optimo, de que ninguem se desfaz. Juro que guardarei sempre o juro e o capital.

Durante um momento ela desistiu de falar, mas a sua alma bebia a poesia ambiente e não se conteve que não voltasse a murmurar:

—Queria ter um ninho entre a verdura, um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo...

E logo o Rodrigues, detendo estes arroubos poéticos, murmurou tambem a sua preocupação:

—Quando fôrmos para Lisboa, temos de arranjar uma mulher a dias.

Uma sombra de tristeza velava a romantica fronte da noiva. Para distrair o noivo das cotações, reuniu toda a sua coragem e propôz:

—Vamos ao Monte?

—O' filha, crédo!... Eu não jogo senão na bôlsa. E se jogasse preferia a rolêta.

* * *

Desnecessário se me torna insistir nos episódios desta lua de mel, que começara logo tão mal no quarto minguante do hotel.

De dia para dia se acentuava a divergencia destes temperamentos, feitos propositadamente para se não compreenderem. Ele lançava-se no desespêro mais profundo, quando as «Cabindas» desciam dois pontos; ela enlanguescia no desêjo de encontrar uma alma gemea da sua e de sexo diferente, que lhe matasse a sêde de amôr romantico que a devorava.

Começou a fazer namôro a um inglês, de botas sólidas, que lhe dava a impressão dum lord Byron exportado pela Agencia Cook, mas breve chegou á conclusão de que o impassivel britanico era convictamente esposo duma espécie de ôsso de costeleta, vestido de cassa branca e coroado por um chapeu de palha encontrado nas excavações de Pompeia, ôsso que o inglês trazia atrelado a uma «pomerania» e a que chamava, nos momentos de expansão, *mistress* qualquer coisa.

Graziela deu-se a desejar um amor á Walter Scott: uma noite de luar, uma escada de pau e corda suspensa dum balcão, ela vestida de branco, o trovador em baixo, entre os massiços do jardim, a afinar o cavaquinho medieval em lá menor, para a imprescindivel serenata. Infelizmente para a pobre romantica, não era fácil encontrar um homem que dispuzesse duma escada de corda, e um bombeiro voluntário, a quem ela falou nisso, declarou que não podia trazer o material do quartel.

Tanto sofrimento havia de ter um fim, e teve-o. Uma manhã, vieram prevenir o Rodrigues de que a mulher estava na praia. Ele, de entrada, não estranhou, porque ela todas as manhãs ia á praia, mas quando lhe afirmaram que Graziela se encontrava disfarçada de cadaver, correu a certificar-se.

Lá estava, com efeito, muito inchada. Um banheiro, fazendo jus á gorgêta, informou que fôra ele quem arrancara a pobre senhora do fundo do mar.

—Do fundo?—perguntou, choroso, o Rodrigues.—Pois nunca julguei, porque ela, coitadinha, não tinha queda nenhuma para os fundos.

XISTO JUNIOR

PRÉGAR NO DESERTO

—Mandrião, não fazes nada! Desgraçados dos teus filhos, quando os tiveres!...
—E se eu não tiver filhos?
—Desgraçados dos teus netos!

CAÇADORES

—Epifanio, fizeste bem em ter morto ontem aquele coelho!
—Porquê?
—Era tempo... Já estava quasi podre...

AELOCIDADES DOS ANIMAIS

A. Petit publicou uma serie de observações sôbre a velocidade dos animais. Uma lebre faz 48 quilómetros á hora, em 200 metros.

Um coelho mantem essa velocidade em 100 metros. Um antílope faz 52, e um cão *greyhound* faz 48. O leopardo consegue, em 100 metros, manter uma velocidade de 96 quilómetros á hora.

Duas narcejas, perseguidas por dois esmerilhões, ultrapassaram 195 quilómetros á hora. A vaca pode conseguir 20 á hora; o cavalo de corridas pode atingir 65 á hora.

PELES DE COELHO

Actualmente, as maiores peles de coelho, as dos coelhos «gigantes», teem um valor de 500 francos a duzia, as outras valem de 150 a 200 francos a duzia, segundo a sua beleza. As brancas são as mais procuradas. Mas estas altas tarifas são só alcançadas por açambarcadores que dão preços irrisórios aos camponeses. Essas peles de coelho transformam-se depois em castor, lontra, zibelina, vison, arminho, «petit-gris», etc. E as elegantes pagam-nas por bom preço.

AS OSTRAS E AS DOENÇAS

A prova prática da inocuidade da ostra consumida de maio a setembro, em estado de actividade ou pelo menos de sub-actividade reprodutora, está feita há muito tempo. Foi repetida durante a Exposição Universal de 1900, em que se fez sem perigo, nos meses de maio, junho, julho e agosto, um enorme consumo de ostras.

O erro popular de que é perigoso comer ostras nos meses cujos nomes se escrevem sem o emprego da letra *r* — ou seja, de maio ao fim de agosto — foi originado num decreto que proibia a exportação das ostras durante êsses meses. Esse decreto foi inspirado não por considerações higienicas, mas para proteger na origem a repopulação dos bancos ostreicolas, que convinha não desguarnecer na época da postura. Mais tarde, quando o desenvolvimento intensivo da ostreícultura assegurou a repovoação dos parques, o decreto foi revogado (30 de maio de 1889), em consequência dum trabalho do professor Grancher, apresentado em nome do comité consultivo de higiene, de França. Para conseguir a revogação do decreto, o relatorio da comissão invoca o facto bem conhecido, e publicamente averiguado, da inocuidade da ostra, em fresco.

A ostra fresca é, portanto, em qualquer época, um alimento muito são, sem nenhum elemento de intoxicação. A ostra doente tambem não é prejudicial ao homem, visto que as doenças próprias do animal não se transmitem ao homem. O que é muito perigoso é comer ostras que possam ser portadoras de bacilos de doenças peculiares aos homens. Acontece isso, quando as aguas dos parques ostreícolas estão contaminadas, ou quando, antes de postas á venda, são lavadas em aguas menos puras.

O Palacio do Eliseu, residencia do Chefe de Estado francês

Em 1718, o regente da França, em nome de Luís XV, concedeu ao conde de Evreux uns vastos terrenos baldios, situados então nos «arredores» de Paris, a partir da longinqua rua de Boissy-d'Anglas até á estrada de Neuilly.

O agraciado mandou aí edificar um palacio, de cuja construção foi encarregado o arquitecto Molet, e aí passou a residir, vendo-se ainda hoje nesse palacio os brasões dos condes de Evreux.

Com o correr dos anos, porém, os descendentes de Luís de La Tour d'Auvergne viram-se obrigados a vender o seu solar á favorita régia, marquesa de Pompadour, por quinhentas mil libras.

Em 1753, a Pompaduor instalou-se no palacio dos condes de Evreux, já chamado do Eliseu, e mandou decorá-lo por pintores como Boucher e Watteau, embelezando-o com espelhos de Saint-Gobain e riquissimas tapeçarias de Gobelins. Além disso, a favorita adquiriu os terrenos adjacentes e fez construir novos jardins. Assim começou a era de grandezas do Eliseu, que, pelo testamento da favorita, passou a ser propriedade do rei de França.

Durante um curto espaço de tempo foi habitado pelo banqueiro Beaujou, que o comprou á casa real. Luís XVI, porém, resolveu compra-lo ao grande financeiro e pagou-o a pêso de ouro, destinando-o a ser residencia dos príncipes estrangeiros que visitassem Paris.

Passam-se alguns anos e a duquesa de Bourbon adquire o Eliseu, colocando ao lado dos brasões de La Tour d'Auvergne os das casas de Bourbon e de Orléans.

Chega a grande revolução com seu cortejo de horrores, e assim como a nobreza perdeu tantas vidas e fortunas, assim as moradias principescas e fidalgas foram apeadas da sua impossivel magestade. O solar de tão nobres tradições, quasi palacio régio, foi adquirido por um certo cidadão Hovyn e trocou o seu nome, que evocava grandeza, pelo de «Chaunière de Chantilly», com que o baptizou.

A filha do revolucionario Hovyn vendeu o sumptuoso edificio a Murat, que o habitou durante todo o tempo em que foi caminhando para a Glória e para o trono de Nápoles. Ao partir para Italia e para a ruina, o grande cabo de guerra legou ao imperador a sua residencia já inutil, e o palacio que, antes do Terror, fora o Eliseu—Bourbon passou, durante o primeiro império, a ser o Eliseu—Napoleão.

Bonaparte habitou-o durante o tempo que as campanhas lhe deixavam livre e foi nêle que, depois da derrota de Waterloo, viveu algumas das mais crueis horas da sua movimentada existencia: as horas do terrivel dia 22 de Junho de 1815, em que assinou a sua abdicação.

Restaurada a monarquia com Luís XVIII, o Eliseu, depois de ter tido por hospede, durante algum tempo, o marechal Duque de Wellington, passou a ser a residencia do Duque de Berry, filho segundo de Carlos X, assassinado no dia 10 de Fevereiro, quando saía da Ópera. O duque veiu ainda morrer ao Eliseu, que a duquesa de Berry se apressou a abandonar, perseguida pelas tristes recordações que a êle a prendiam.

Luís Felipe recebeu, por herança, o palacio e, tambem por testamento, doou-o á rainha Maria Amelia. Em 1850 foi ocupado pelo principe Luís-Napoleão, primeiro presidente da republica, mais tarde imperador, depois do golpe de estado de 2 de Dezembro de 1852.

Em 1853, o Eliseu foi residencia particular da condessa de Teba, antes desta se casar com Napoleão III.

Durante as Exposições Universais de 1855 e de 1867 alojou, entre os seus muros nobres, uma serie de régios visitantes: o imperador da Russia, Alexandre II; o sultão Abdul-Azis; o imperador da Austria, Francisco José; o rei Oscar da Suécia; a rainha Sofia dos Países Baixos, e o principe de Orange; Ismael-Pachá, vice-rei do Egipto, que esteve no Eliseu em Julho de 1870.

A 4 de Setembro, os guardas nacionais apoderaram-se do palacio, salvando-se do incendio, durante os dias da Comuna, graças a um ardil imaginado pelo conservador Gouzlet, que mandou pôr selos em todas as portas, o que a multidão incendiária interpretou como medida judicial.

A partir dessa data, o Eliseu passa a ser a residencia oficial dos presidentes da terceira republica.

O primeiro presidente que o habitou foi Thiers, que, depois da sua eleição, conservou os seus habitos de modestia e de economia, a caracter com a sua primitiva existencia de advogado provinciano.

Mac-Mahon, que sucedeu a Thiers, foi principalmente um soldado, pouco se preocupando com a etiqueta e o protocolo. Com Grévy foi ainda mais modesta a vida do Eliseu. O presidente da republica, muito económico e metódico, levantava-se ás oito da manhã, para ir passear com seus filhos; ás nove, lia os jornais; ás nove e meia, dava um pequeno passeio pelo parque, com Madame Grévy; ás dez horas, o presidente abria a sua correspondencia; ás doze certas, sentava-se á mesa; depois do almoço, jogava o bilhar, durante uma hora; á tarde, dava despacho, findo o qual saía de trem, com a sua familia; ás doze da noite deitava-se, invariavelmente.

Carnot introduziu a etiqueta e o protocolo no palacio; Perier esteve lá muito pouco tempo; Felix Faure seguiu na esteira de Carnot. Loubet e Fallières foram, pouco a pouco, diminuindo o pessoal de serviço e tornando mais facil o acesso de estranhos.

Foi no Eliseu que habitou Poincaré, o presidente durante a grande guerra, e pode dizer-se que durante esses quatro anos de incertezas o palacio dos condes de Evreux e da marquesa de Pompadour foi o verdadeiro coração da França, coração onde palpitava a ansiedade de milhares e milhares de corações.

AS PRIMEIRAS FESTAS DO NATAL

Foi o papa Libério, pontífice desde o ano de 352 ao de 366, quem tomou a iniciativa de celebrar, pela primeira vez, o aniversário do nascimento de Christo, e foi êle quem depôs solenemente na basílica que acabava de fundar—e que teve a invocação de Santa Maria Maior—as cinco tábuas provenientes do presépio de Bethlem, e que foram depois guardadas num relicário de prata e cristal.

Gregório IV, papa de 827 a 843 ou 844, consagrou, na igreja de Santa Maria do Traustévére, uma capela do presépio, á qual fez presente duma história de Maria, em puro ouro cinzelado, e que se considera como o primeiro exemplar de todos os presépios, com figuras em relevo.

A VELOCIDADE DUM NAVIO EM «NÓS»

O *nó* é a unidade de velocidade de marcha dum navio. Para medir essa velocidade, usa-se uma corda leve, comprida, chamada *loch*, na extremidade da qual está fixo um bloco de madeira ou uma tabua. Este é daitado á agua, á ré do navio, e fica movel, enquanto o navio continua a sua marcha. A corda do *loch* tem *nós* separados por distancias de 15m43. Contam-se os *nós* que deslisam sucessivamente para o mar, a partir do momento em que se começou a operação e ao mesmo tempo que começa a escorrer a areia duma ampulheta de 30 segundos. Despejada a ampulheta, para-se a corda. Se se contam 20 *nós* durante êste meio minuto, diz-se que o navio faz 20 *nós* por meio minuto, ou seja, 20×15m.43=308 metros e 60. Subentendendo-se o meio minuto, diz-se simplesmente que o navio faz 20 *nós*. O *nó* é a centéssima vigéssima parte da milha marinha de 1.852 metros, do mesmo modo que o meio minuto é a centéssima vigéssima parte da hora, donde se segue que 20 *nós* por meio minuto é exactamente 20 milhas á hora, ou seja, 37 km. 04.

O THIBETIANO

O thibetiano não compra, não vende, não trabalha, não se diverte: reza. Desde que nasce até que morre, a agua não lhe toca nem nas mãos nem no rosto. Lava-se com manteiga. É respeitador das tradições e, temendo todo o imprevisto, tem mêdo de não morrer. Quási todos os ofícios são desconhecidos no Thibet. Não há arquitectos; cada qual constróe a sua casa como entende. Os templos são pequenas cidades; nêles habitam de 3.000 a 4.000 *lamas* e com cozinham todos em comum, as marmitas que empregam são de tais dimensões que o cozinheiro tem que subir uma escada de cinco degraus para lhe vêr o fundo. Os seus livros são feitos de pergaminhos muito espessos e encadernados em madeira. São precisos 160 cavalos para transportar os seus evangelhos, o Tandjur e o Kandjur.

Os rios do Thibet estão cheios de trutas, que êles pescam com tecidos transparentes, que fazem as vezes de redes.

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Figurantes...

Pelo que nos diz a «Comœdia», vae desaparecendo, pouco a pouco, o Figurante.

O figurante é aquela cara de pau muito nossa conhecida, que conserva o mesmo ar funebre a servir um prato de sandwiches e a servir de padrinho num duelo, tão alegre num «Auto da fé» como num baile de casamento; que se põe a andar quando deve ficar quieto e que é capaz de se petrificar, em scena, ante uma explosão de dinamite.

Antigamente, quando o aspirante a actor não tinha voz nem expressão, nem qualidade fisica alguma, e não sabia lêr, encarreirava para o Teatro como figurante. A' força de ser muito mau, o comparsa foi afastado, pouco a pouco, cedendo o lugar á utilidade das companhias.

(Que qualificativo mais engraçado! Quando se reconhece no artista inutilidade absoluta, chamam-lhe utilidade...)

Pois o comparsa está a desaparecer em França. Os directores acham-se pouco dispostos a aceitar peças que exijam grandes massas em scena. E' o corte nas despezas...

... Entretanto, neste começo de ano, dois teatros de Paris reclamam uma comparsaria numerosa:

O Variétés, onde o «Habit Vert» exige o publico habitual das recepções academicas, e o Bouffes Parisiens que, para o «Roi du Bilboquet», precisa de toda uma plateia de circo.

E' aproveitarem, emquanto os tempos não mudam.

Parece que o figurante não deixará saudades...

Quando ele é comparsa, «muito comparsa», é um estôrvo. E partindo do principio que não há comparsas bons porque estes querem logo ser actores...

E há os que sem nunca o terem sido se julgam artistas...

A proposito, um caso passado com Gabriel Signoret, numa das suas «tournées» pelos Departamentos, que não deixa de ser interessante...

... De entre as pessoas gradas da terra, que na estação aguardam a chegada da companhia, destaca-se um rapaz muito lampeiro, de braços abertos para Signoret: "Então como vae o meu caro colega?„

Signoret mede-o de alto a baixo, distancia-se um pouco e fica a considerar o homensinho...

Quem demonio seria aquele actor que ele não conhecia?...

Mas o outro aproxima-se de novo e ele não tem remedio senão abraçal-o.

—«Eu vou bem, muito obrigado. E o senhor?..»

—«Eu agora estou por aqui. Estou farto de Paris!»

—«Ah! Sim?...—fez Signoret.

—«Pudéra! Não quero mais representar na capital. E... tem graça!.. A ultima vez que trabalhei em Paris, foi com o colega... Lembra-se da peça que fizemos no Chatelet?...»

—«Não, não me recordo,»—disse Signoret, a repuxar a memoria esquiva.

—"Ora essa! Então o senhor não entrou na peça *tal*„?

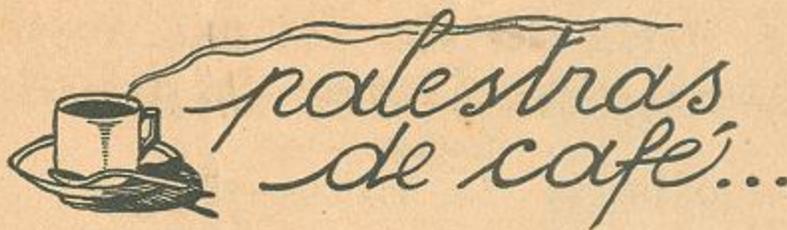
—"Entrei, sim. Fazia até o protagonista."

—"E não se lembra de mim?.."

—"Não, não me lembro!"

—"Essa agora!—retrucou o outro—Pois eu fazia as "pernas de traz" do elefante que entrava em scena!.."

CARLOS ABREU

palestras de café...

TEATRO DE REVISTA

A verdade sobre o teatro de revista não pode agora ser dita aqui. Ha, no entanto, que constatar a sua crise, muito vizinha da miseria. A falencia sucessiva dos espectaculos deve-se sobretudo á sua improvização deficiente, e á voracidade com que se busca seduzir o publico, em vez de o conquistar, de o dominar. O autor olha a plateia como o seu Deus, abandonando o talento, a transigencia tão risiveis, como trejeitos dolorosos de funambulo de viela. O que quere a geral? Rir! O que pretende a plateia? Sorrir! Como ainda se não encontrou o meio termo inteligente, entre as duas expressões de espirito, vá de exagerar o dialogo, embriagando-o de dislates. O resultado é certo. Bebe-se o vinho—mas depois o nojo fisico, o nojo auditivo, o nojo sensitivo, vem como as saburras repelentes dum vomito negro.

A revista em Portugal está oscilando entre dois modelos. O antigo, exageradamente romantico e patriotico, em tiradas sentimentais, que o publico aplaude contrafeito, porque é de bom tom aceitar o que é nosso, embora sediço e fastidiento; e o moderno, rebuscado sem a mais leve indicação de origem, em tudo quanto é musica, comedia ou fantazia.

Tanto um como outro modelo são inaceitaveis. Prejudicam os autores que, confiados na facilidade da imitação, descuram, se não maltratam, o seu proprio trabalho. Afigura-se-nos, sem a minima veleidade dogmatica, que a revista, para se impôr, preciza de trez elementos fundamentais.

São eles: a musica, a fantazia, e a *mise-em-scène*.

A musica, que vale mais de que todos os *couplets* perfeitos, salvando os que o não são; a fantazia, que não possui linhas que a limitem, e á custa da qual se pode crear, inventar, revolver o mundo das ideias e das ficções; a *mise-en-scène*, que é o brilhantismo vizual, absolutamente necessario para entreter os olhos do publico, num jorro impetuoso de côres vibrantes, sadias ou volutuosas. A revista portuguesa gira á volta da mesma tecnica. Ha quadros obrigatorios, mesmo que não haja com que enchê-los. O de comedia é infalivel em todos os espectaculos. E tipos, tambem. Exemplo-o *compère*. Claro, que Lisboa, sendo um meio pequeno, estagnado, onde os acontecimentos têm a individualidade das formigas e as figuras a semelhança de soldados do mesmo regimento, não pode fornecer scenas e caricaturas de suficiente riqueza comica, que interessem devidamente o publico. A repetição é fatal, assim como a banalidade. No entanto—insiste-se, morre-se sob os escombros do consagrado; cosinha-se sistematicamente a desagradavel receita, que tendo empaturrado plateias antigas, cansa e antipatiza as de hoje.

A revista—não tem tecnica. Procurar-lhe uma, dar-lhe uma orientação, submete-la a um processo—é errar o proprio genero, tão bem definido pelo vocabulo que a caracteriza. Isto não quere dizer que se abandonem as proporções scenicas. Significa apenas que podem ser alteradas e, sobretudo, alargadas até ao *music-hall*, ao circo, ao espectaculo liberrimo.

Sabemos que tudo está explorado. Mas para que insistir na realidade desbragada dum *compère* mal vestido? Para que refazer, pela centesima vez, o fado manquêjo? Para que meditar velhos comentarios politicos e sociais? Para que teimar no desenho das personagens citadinas, seja padeiro ou comborça, no simbolismo frugivoro das peras e maçãs?

Tudo isto cairia no pó—no dia em que os nossos autores, com a chave doirada da fantazia, abrissem de vez as portas da ilusão, onde tanto escritor, tanto poeta, tanto artista, se tem refugiado, buscando as formas sempre vivas, tumultuosas e ardentes da imaginação...

ARTUR PORTELA

NO NACIONAL

O FREI LUIZ DE SOUSA

[Desenho inedito de Botelho]

Alves da Cunha, que conta as suas peças por exitos consecutivos, acaba de levar á scena a obra-prima da dramaturgia portugueza «Frei Luiz de Sousa», onde tambem sua esposa, a actriz Berta de Bivar, tem um explendido trabalho

Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente da qual está Alves da Cunha—o grande actor, o primeiro da sua geração. Adelina Abranches, a comediante cujo nome dispensa elogios, e Berta de Bivar, artista cultissima e moderna, acompanham-no com Sacramento e Araujo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno.

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e baritono brazileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal.

Politeama

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia explendida com os nomes de Ilda Stichini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empreza do arrojado e antigo emprezario Luiz Pereira.

Trindade

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuimos. A grande Lucilia, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais dificil repertorio internacional.

As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa.

Avenida

Companhia Satanela-Amarante. A «companhia mais simpatica ao publico. Alem de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca ao «ic» parisiense do seu estilo. Hoje e por enquanto todas as noites «O Pé de Salsa».

Gimnasio

O teatro mais moderno e mais europeu. A' frente o nome glorioso de Amelia Rey-Colaço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, bôa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo—feitos de arte portugueza e de sentimento nacional. Direcção de José Climaco. Hoje e sempre o «Cabaz de Morangos» peça de Lino Ferreira, Silva Tavares, A. Pereira e L. Oliveira.

Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournées» triunfais a atestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

UMA NOVELA DE PALEIO COMPLETA

Algumas das maravilhas do futuro previstas por um presente

ESTE seculo de progresso e de maravilhosas descobertas é fatal para muitos espiritos fracos e produz por vezes, nas imaginações mais incandescentes, os mais extranhos fogachos de previsão.

O meu amigo Inocencio é destes ultimos.

As grandes invenções e descobertas fazem-lhe perder a cabeça e fantasiar-lhes os mais avançados e longinquos resultados.

Ha dias encontrei-o radiante com um jornal na mão.

E sem me dar tempo ao minimo inquerito, sobre a causa da sua alegria excepcional, disse-me logo, num transporte:

—Então que me diz á maravilhosa descoberta? E que extraordinaria revolução decerto vai fazer.

—Isso deve ser boato, contestei, supondo tratar-se de politica.

—Qual boato! Tambem o meu amigo não acredita em coisa alguma! Perante uma operação feita na presença de tantas sumidades, de tão ilustres medicos e com tão perfeito resultado, não ha que duvidar. Foi uma verdadeira ressurreição!!!...

* * *

Vi então que todo o seu entusiasmo provinha da noticia ha dias vinda a publico, acêrca da experiencia feita em Roma, por um medico que conseguiu ressuscitar por 2 ou 3 horas, á força de injecções, um cliente morto pouco antes.

—Mas, disse eu então, não vejo em que tal facto possa beneficiar o meu amigo e dar-lhe toda essa alegria que traz hoje.

—Ora essa! Fez ele indignado. Veja o que isto representa! Um morto, um cadaver, enfim, em toda a acepção da palavra, sentar-se de novo na cama e na vida, comer ainda uma refeição e só depois de bem replecto entrar de novo na agonia!!...

—E então, meu caro Inocencio, que satisfação podemos ter com a probabilidade duma agonia em duplicado? E de resto, só para comer mais um almoço ou um jantar, deve concordar que não nos vale a pena.

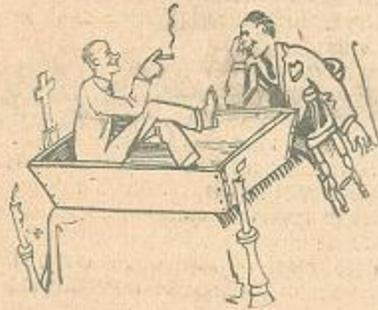
— Não diga isso, tornou ele; repare na maravilha duma creatura que já tinha entrado na eternidade, voltar novamente á vida!!...

— Já reparei, mas continúo na minha. Não vejo que vantagem possa ter em andar para traz e para deante, nessas entradas e saidas. Isso até nos pode trazer graves inconvenientes. Com esse jogo de porta, S. Pedro acabará por se aborrecer e dizer-nos, aliás com carradas de razão: «Mas afinal você entra ou não entra?» E sujeitamo-nos a que numa dessas contradanças, de ida e volta, ele acabe, por fim, irritado, por nos dar com a porta na cara.

O Inocencio, apesar de um pouco abalado com esta argumentação, não desarmou e muito serio prosseguiu:

— Mas é que o meu amigo não viu ainda bem os grandes beneficios que esta descoberta nos trará.

— Mas quais?

— Olhe este, por exemplo: E' claro que da primeira arremetida da morte ninguem se livra. Não estamos prevenidos e depois de entrarmos na agonia não temos outro remedio senão marchar. Mas suponha que voltamos á vida e então, escaldados como estamos da primeira, podemos tomar as nossas precauções. E não será possivel, por

Um morto, um cadaver, enfim, em toda a acepção da palavra, sentar-se de novo...

exemplo, evitar a segunda agonia, com um pouco de agua de Vidago?

— Ora o meu caro Inocencio que está hoje de bom humor. E eu a tomá-lo a serio.

— Mas não,—prosseguiu ele no mesmo tom. Não estou brincando e creio que tal descoberta, como todas as outras, pode ser aperfeiçoada e dar-nos ainda muito maiores e melhores vantagens e resultados.

«E' claro que pelo facto de a primeira experiencia, dar apenas uma ressurreição por 2 ou 3 horas, não quere dizer que não possa, com o progresso, chegar a manter-se durante dias e talvez durante meses. E sendo assim, que extraordinarios resultados podemos obter!!...

—Só vejo o de voltarmos á vida para termos a certeza de que não paramos por cá muito tempo, ou melhor, de que temos apenas uma 2.ª vida a curto praso. E então que serie de tropelias teremos de aturar aos varios ressuscitados.

—Mas não devemos encarar as coisas apenas pelo seu lado mau, tornou renitente o Inocencio. Suponha agora um morto abastado a quem os herdeiros desejaram a morte e que volta a procurá-los quando eles começavam já a gozar as delicias da sua fortuna. Calcule, que decepção!

—Na verdade, que decepção e que tremenda confusão isso vai dar. De resto, talvez não dê, porque quando isso fôr corrente, já ninguem conta com sapatos de defunto, senão quando ele estiver morto e bem morto, ou melhor, quando ele tenha pasado a ultima, a irrevogavel agonia. A não ser que em certos casos os herdeiros comecem a meter no forno crematorio os parentes abastados, a fim de se garantirem contra possiveis passamentos de ida e volta.

—Mas ha mais e melhor, garantiu ainda Inocencio.

—E melhor, é conforme. No caso que abordámos, será mais e peor... para os herdeiros.

— Ora suponha agora o efeito sensacional, o efeito estupendo, de final de acto, de podermos vêr, no julgamento dum grande crime de homicidio, quando a defeza estiver quasi a provar a inocencia do acusado, surgir inesperadamente a propria vitima a fazer o seu depoimento pessoal, pondo tudo em pratos limpos!

— Sim, nesse caso o Reu só terá uma saida. Bradar que a vitima pretendia apenas prejudicá-lo e tanto assim que se fingiu morto para o entalar. E nessa altura matá-lo de novo... em legitima

e despedindo-se de todos comovidamente, partirá para a vida eterna,...

defeza. E então digo-lhe que se o excadaver não vem prevenido com o tal quarto de Vidago, não tem outro remedio senão morrer definitivamente e ainda por cima com a fama de caluniador e talvez multado como litigante de má-fé. Ora, como vê, as vantagens não são grandes.

—Ora meu caro amigo, fez o Inocencio desolado, se encararmos as coisas por esse prisma, é claro que não temos nada feito.

—Tenho pena de o desgostar, tornei mais uma vez, mas se não tem outras vantagens a recomendar a descoberta, parece-me que o melhor é morrermos logo da primeira. De resto, deixe-me ainda lembrar-lhe um outro inconveniente. Com duas mortes—ou talvez mais, conforme o progresso—e ao preço a que estão os funerais, veja por quanto isso nos saia.

— Pois aí é que está o seu principal engano e a maior vantagem da invenção. A vantagem economica, bradou o Inocencio.

— Mas como?

— Muito simplesmente. Quando a morte nos surpreende a primeira vez, é possivel, como vimos, fazer-nos imediatamente voltar á vida. E então já voltamos prevenidos com esse primeiro aviso e sabemos tambem o tempo de que podemos dispôr. E assim podemos tratar de tudo com vagar, evitar as confusões desses momentos e dispensar até as pompas funebres.

«Na altura propria, acompanharemos por nosso pé o nosso proprio funeral, em derradeiro e comovido cavaco com todos os nossos amigos, conhecidos e parentes, que em qualquer dos casos nos acompanhariam á nossa ultima morada, mas sem necessidade de carretas, gatos pingados e demais trapalhadas hoje em uso.

«Até de electrico se poderá fazer o enterro. E desta forma será vulgar vermos depois, num carro, varios convidados de luto pesado em compungido paleio uns com os outros. E bastará então perguntar ao condutor:

— Quem é o morto?

— E' aquele sujeito que ha pouco me pediu uma mortalha e vai acolá no banco da frente, a fazer um cigarro.

E ficamos elucidados. Depois, chegado á sua ultima morada, o falecido procurará no molho das chaves a que serve no jazigo e despedindo-se, de todos comovidamente, partirá para a vida eterna, como quem parte para uma grande viagem; fechando a porta do jazigo, com o ar de quem fecha a porta do wagon, e dizendo-nos, depois, adeus, lá de dentro, com o lenço. Como vê, tudo o que ha de mais pratico, simples e economico...

* * *

Eu, perante a descrição desse modernissimo passamento, estava, na verdade, passado. E despedindo-me apressado do Inocencio, apenas tive animo para lhe dizer:

—Bem se vê que o meu amigo não é socio de nenhuma agencia funeraria.

AUGUSTO CUNHA

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

O "pãosinho" de luxo...

Pagina onde se conta um caso cheio de pitoresco, passado entre uma linda operaria numa fabrica de moagem em Chelas e o filho dum rico moageiro, muito conhecido em Lisboa.

— DEIXA ver! Tu estás ferido...

— Não é nada, papá!

— Não, deixa ver! Tens o olho todo amachucado. Mas o que foi? Que diabo, explica-te!

— Nada, não tem importancia... Vai-te deitar papá, e não te preocupes. Basta que saibas que apesar de me teres creado entre algodão em rama, não te deixei mal.

— Que maluco!

— Adeus. Boas noites!

— Boas noites, filho!

* * *

O Artur R., filho unico do grande industrial da moagem R., era um rapazote dos seus dezoito anos, levemente cheio, a pele fina como um manequim de alfaiate, os olhos rasgados, infantis e brilhantes como os de certas mulheres.

Filho unico—amôr unico do pai, cujo lar desfeito pelo abandono da mulher seria uma cripta funebre sem as gargalhadas saudaveis do rapaz, o heroi desta pequena e pitoresca aventura entrava na vida sem conhecer os dissabores ou as penas que sofrem quasi todos.

Creado em algodão em rama, e era bem verdade!

Apesar, porem, dessa falsa vida que sempre lhe apresentaram, qualquer coisa desse mundo doirado e quimerico que se mostra aos principes pequenos, Artur R. não era um mau, um egoista, ou mesmo um timido.

* * *

Uma manhã, ao almoço, vazio o lugar de Artur, o pae resolveu falar-lhe. Foi ao quarto, abriu as janelas de par em par; dependurou sobre a borda da cama a casaca amachucada no chão, e disse ao filho:

— Artur! Isto não são horas de estar na cama! Estou a trabalhar ha quatro horas.

«Amanhã vais comigo para Chelas. Quero que trabalhes na fabrica.

O rapaz abriu os olhos, espreguiçou-se e disse-lhe a rir:

— Dás-me um cigarro?

— Não!

— Então dá cá um beijo!

E estas scenas de austeridade acabavam sempre a rir...

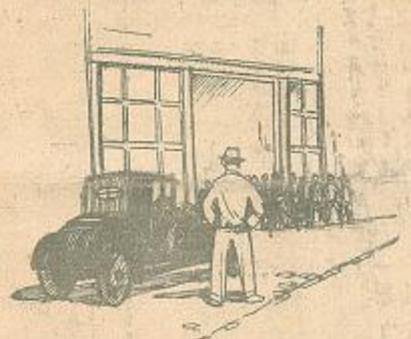
* * *

Mas, um dia, Artur foi á fabrica. A propria ociosidade fatigava-o. Era uma manhã clara, luminosa e fria de Janeiro. O seu pequenino Peugeot corria veloz sobre as calhas dos electricos, em toda a linha extensa do Poço do Bispo.

Ficavam já para traz, num redemoinho de poeira, os armazens da Alfandega e o massiço vermelho do Muzeu de Artilharia.

Chegou o carro á larga quadra de terreno onde se erguiam os primeiros barracões da fabrica, no momento da saida dos operarios.

Era então um longo desfilar de rostos afogueados pelo trabalho, de corpos ageis de trabalhadores, a correrem ao caldo quente da refeição do meio-dia. Artur ficou, considerando com a vista, atravez do «pare-brises», aquelas raparigas morenas, de melenas sensuais reluzindo sobre os olhos macios e quentes. Alguns olharam-no. Sentiu murmurios. Todos se voltaram. Era o filho do patrão!

Enleado, Artur tirou com as suas

Chegou juntamente no momento da saida do pessoal...

mãos encamurçadas de claro um cigarro.

Houve cumprimentos de velhos operarios que o conheceram creança e certo rancor invejoso de aprendizes, ao mirarem os metais reluzentes do automovel.

Mas, no fim, já atraz de todos, com o seu aventalsinho modesto, pequenina, o lanche no cestinho, surgiu ainda uma figurita. Artur saiu do carro e encarou a pequena.

—O patrão já saiu?

—Não sei. Só no escritorio lho podem dizer.

E sorriu-se, vermelha, na confusão daquela pergunta inesperada. Depois, sentou-se, ao sol, numa pedra, desdobrando com cuidado o pequeno guardanapo no colo. Artur tinha os olhos cravados na curva fina do seio, moreno e pequenino como uma camelia, e que se começava a desenhar sob o requife vermelho do colete...

* * *

Era estranha aquela aparente transformação de Artur. Tres dias seguidos esteve de manhã na fabrica e esperava sempre pela saida do pessoal. Embora de pratico nada fizesse, a verdade é que lá estava, rabiscando na secretaria, atento á hora de largar.

E, uma tarde, quando os dias eram mais pequenos e o apito de saida soava já no momento em que nas azinhagas de Xabregas a luz era violacea e triste, Artur meteu-se no automovel e veio para a encruzilhada do Beato, perto aos Olivais, esperar alguem.

Passou gente, e ele, escondido dentro do carro, deixou-se ficar na penumbra. Mas, a pequena morena que lanchara nas pedras do portal da fabrica, ao sol, passou tambem. Artur saiu logo.

— Ando ha tres dias para lhe falar...

— A mim?

— A si, sim. Tenho vindo á fabrica todos os dias...

— Trabalhar?—fez ela com um sorriso de certa superioridade.

Ele percebeu a ironia:

— Não, para a ver... Sabe que me interessou muito... desde que noutro dia a vi...

Ela esquivou-se um pouco para o outro lado da azinhaga, deserta áquela hora.

— Deixe-me ir consigo. Tem medo de mim?

— Não, mas pode vir alguem.

— Boa tarde, adeus.

— Adeus...

E aquela primeira entrevista deixou no espirito de Artur uma ideia indecisa a respeito da pequena, cujo nome nem sequer sabia e cujas melenas reluzentes e negras tinham a graça sensual de duas andorinhas sobre a testa morena...

* * *

No dia seguinte Artur voltou. Não foi de automovel. Queria ser mais humilde. Tornar-se mais da casta da pequena operaria, cuja dificuldade lhe interessara.

O aprendiz e Artur envolveram-se em desordem, violentes e sem testemunhas...

Chegou á azinhaga. Estava mais escuro do que na vespera. Escondeu-se atraz duma velha oliveira. Na curva surgiu a pequena. Mas vinha acompanhada. Caminhava, lado a lado com a rapariga, um rapazote de ganga, uma creança quasi, como ela era. Uma boina sobre os olhos, um focinhito magro e negro do carvão.

Vinham os dois, muito juntos, muito amigos, caminhando lentamente como um corpo só.

Perto de Artur pararam um instante. Ele abraçou a, teve-a um momento bem junto ao peito, e depois beijou-a na nuca, onde uma leve penugem despontava, loira e fina.

Artur virou a cara.

Pois era possivel que a garota, dificil para ele, que se negara sequer a acompanha-lo, fosse assim para o pequeno aprendiz, sujo, fraco?!

E sumiu-se no escuro do atalho, apressado e furioso...

* * *

No dia seguinte Artur voltou ainda. Queria dizer-lhe que tinha visto tudo, que lhe não interessava afinal aquela hipocrisia de moralidade, que lhe lançara por cima o ridiculo, a ele, que conhecera «cocottes» milionarias.

Mas—na azinhaga, a rapariga não surgia. Escureceu. Ao cabo de esperar, desesperado, um vulto se acercou.

Era o aprendiz.

— O que está você aqui a fazer, especado?

— Que lhe importa?

— Alguma coisa.

— E's empregado da fabrica?

— Sou, e isso que tem? E's filho do patrão, não é verdade? Não me dá abalo nenhum. Aqui somos eguais! Que tens que andar aí a lamber as botas á rapariga?

—Hei de te pedir licença, não?—disse Artur, com o olhar transfigurado e vermelho de colera.

—Vai lá para as fufias da tua igualha, meu papo-seco da trama!

—Ah! malandro!...

* * *

Durante minutos os dois rapazes rolaram na lama da azinhaga, engalfinhados como frangos novos.

Houve uma saraivada de socos, de parte a parte. Artur, mais homem, dominara o aprendiz. Depois, apanhando-o de frente, estampou-lhe na face um soco surdo.

O rapaz caiu pesado. Foi um silencio de minutos.

Artur ergueu-se, apanhou o chapeu. Estava ofegante e murmurava por entre dentes: Ora o malandro!

Mas o aprendiz continuou caido. Artur teve um movimento de piedade. Ensopou um lenço na gazolina do carro e chegou-lho ao nariz. O rapaz voltou a si.

Artur então disse-lhe:

—Fica descançado com a mulher, que não a quero para mim!—mas toma cuidado com a lingua, que o papo-seco, se o picas... estoira o papo!

V. S.

VARIA

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA

N.º 10 — 3.ª serie

9 JANEIRO 1927

Apuramento do n.º 4 (3.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

EURISTO
N.º 20 — 7 Votos

N.º 17, de SPARTANUS . . . . 4 votos
N.º 10, de D. SIMPATICO . . . . 2 »
N.º 19, de VISCONDE DA RELVA . . . . 2 »
N.º 1, de JAMENGAL . . . . 1 »
N.º 8, de DOIS PRINCIPIANTES . . . . 1 »
N.º 13, de REI DO ORCO . . . . 1 »
N.º 16, de SATURNO . . . . 1 »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO, D. VASCO, DROPÉ, HOFE, LHALHA, ORLANDO-O-PALADINO, REI-FÉRA, VASCO DIAS (todos da T. E.); LILI, MAMEGO.

Com 20 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

CASTROLIVA 16, DOIS PRINCIPIANTES 14, VIRIATO SIMÕES 13, FRANGERQUE, HERTOS, OTROPAVLIS 12, RENANDOF 11, MENIFA XÓ, SANCHO PANÇA 10.

OUTROS DECIFRADORES

D. SIMPATICO (T. E.) 8.

DECIFRAÇÕES

1—*amor*, 2—fugacidade, 3—siso, 4—perseu, 5—mimoso, 6—Odemira, 7—veador, 8—*pandemonio*, 9—azoado, 10—*logogrifo*, 11—facada, 12—Zangano, 13—*minhoteira*, 14—beira, 15—asserio, 16—*peroração*, 17—*menospreso*. 18—gladiolo, 19—*louvado*, 20—*GOTA A GOTA O MAR SE ESGOTA*.

PRODUÇÕES MENOS DECIFRADAS

N.os 13 e 20, de REI DO ORCO e EUSRITO com 12 decifradôres

DEDICATORIAS

MENINA XÓ e DROPÈ, decifraram o que lhes era dedicado.

ERRATAS

No *Regulamento* que, ultimamente, publicamos, omitimos as *charadas em frase* que, como é de calcular, fazem parte das produções adotadas nesta secção.

No n.º 8 (3.ª serie), a numeração da charada n.º 21, deve lêr-se: 1—3. Os srs. decifradores têm mais 8 dias para enviarem a sua decifração.

No ultimo numero, a produção n.º 13 é da autoria de VISCONDE DA RELVA.

1927

O *Moinho de Paciencia* deseja, a todos os seus colaboradores e decifradores, um ano feliz e cheio de prosperidades e agradece, reconhecido, aqueles que tiveram a gentileza de lhe enviar as BOAS FESTAS.

CHARADAS EM VERSO

Ainda á interessante Menina Xó

«Mais vale tarde que nunca»
Diz o antigo ditado...
Pois o seu «perdão» sublime,
Fica, por mim, perdoado!

Mediante a sua resposta,—1
Acredita que não brinco,—2
Pois, d'ora avante, espera nos
Colabore com *afinco*.

Lisboa — SIMPATICO (T. E.)

A Bagulho *glosando o mote:*
«A nossa lira morreu»

Não mais ouvireis trinar
Quem, comnósco, conviveu,
Pois, com um singelo *sôpro*,—1
«A nossa lira morreu!»

Cantando a mágoa do Fado,
Nunca, a pobre, esmoreceu . . .
Ajoelhai, portuguêses!
«A nossa lira morreu!»

Rezai, sempre, por aquela
Que, na pandega, viveu...
Que tudo diga, com pena:—1
—«A nossa lira morreu...»

Chorai, rapazes, a morte
Do nosso lindo troféu!
Chorai sobre o seu *caixão*:
«A nossa lira morreu!...»

Porto — OCIREMA (E. F. C.)

CHARADAS EM FRASE

3 *Cuidado*! Olhe que a *criminosa* tem o *toxico vegetal com que os caboclos envenenam as frechas*.—2—1
Lisboa — ADAMASTOR

4 Já encontrei a *forma* de comer a *credito* umas *iscas de figado*.—1—2
Lisboa — AFRICANO

5 Eis o «*dialecto*» que, segundo se «*nota*», é só falado pelo *que vive nas sombras*. 3—1.
Cascais — ANELE

6 A *lealdade* nele, até se lhe «*nota*» no *rosto*.—1—1
Lisboa — AVIARDO

7 *A* mulher que desvaira e se perde por um grande *amor*, é sempre digna de *piedade*.—1—2
Lisboa — BAGULHO

8 Veja se descobre, na «*parte do navio*», o homem *fingido* e pergunte-lhe para que é tão *ardiloso*.—1—2
Lisboa — DOIS PRINCIPIANTES

9 *Marcha* o cravo e eu sinto *pezar* par o ter *maltratado*.—2—1
Lisboa — EURISTO

10 *Avante*, rapazes! E' preciso *animo* para prender um homem *perigoso!*—1—2
Ermezinde — FOFORONOFF

11 O *senhor* pegue nesse *objecto* e deixe-se estar *sentado*,—1—2
Coimbra — FRANGERQUE

Chamando á liça o fenomeno Dropé

12 *Ainda* lhe hei-de provar que quando uma pessoa na rua *vai com pressa*, está sempre sujeita aos *lances adversos da fortuna*.—1—2
Lisboa — HOMEM SEM NOME

13 *A forma que* talvez provasse melhor para endireitar o Paiz, seria erguer, em cada praça publica, um *patibulo*.—1—1
Lisboa — JAMENGAL

14 Ha um «*peixe de Portugal*» que tenho a *desconfiança* que pertence á mesma familia; de certo «*peixe da Guiana Ingleza*».—2—2
Lisboa — MAMEGO

15 *Consta que* um nosso colega vai casar com uma *mulher velha!*—2—1
Lisboa — MARIANITA

16 Quem *examina* os seus trabalhos e não «*nota*» nenhuma irregularidade, fica *persuadido* que V. Ex.ª é um sabio—2—1
Lisboa — NITO

17 *Fiz* razoavel negocio, mas por isso trabalhei de sol a «*sol*» para ter bom *sucesso*.—2—1
Lisboa — ORDIGUES

18 Neste «*Paiz*», os habitantes *porque* não cortam a *cabeleira?*—2—1
Lisboa — PAUSANIAS

19 «Tenho *falta* de calor, sinto que morro de *frio!*—dizia o «*filho de Neptuno*»—1—2
Pôrto — REI DO ORCO

Agradecendo ao amigo Foforonoff

20 Aconselho-te, para *futuro*, mais astucia para te tornares «*um*» charadista mais *perigoso*.—3—1
Porto — RENANDOF

21 Esta «*ave*» *não é da mulher idosa*.—2—1
Lisboa — SATURNO

Treplica ao Dropé, *a respeito da sua «provocação»*

21 *Apesar de* pertencer á T. E., pode convencer-se de que a «carocha» come peixe. Por isso *tudo que* diz serme devolvido, volta ao seu legitimo destinatario, *se bem que* não lhe agrade.—1—2
Lisboa — VISCONDE DA RELVA

CRAS PALAVRUZADAS
o passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r/c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

DR. FANTASMA

Deseja a todos os colaboradores e decifradores desta secção, um novo ano de venturas e prosperidades, agradecendo, gratissimo, àquêles que tiveram a gentileza de lhe desejar «Bôas-Festas».

DECIFRAÇÕES DO N.º 102

HORIZONTAIS.—1 marcas, 2 varina, 3 ecoar, 4 macas, 5 suem, 6 mis, 7 baus, 8 tarifa, 9 efeito, 10 sagital, 11 cano, 12 anos, 13 ia, 14 falsa, 15 au, 16 trica, 17 tilia, 18 mortifica, 19 pi, 20 are, 21 eça, 22 vã, 23 oca, 24 arara, 25 til, 26 iate, 27 mor, 28 viam, 29 amarro, 30 odioso.

VERTICAIS.—1 mestre, 31 acuar, 32 roer, 33 camisa, 34 ar, 35 rabelo, 36 içai, 37 nauta, 38 assola, 39 si, 6 magoa, 40 seias, 41 fanfarra, 42 fanatica, 11 Caim, 43 sala, 13 ir, 44 lei, 45 ui, 16 tipoia, 46 coa, 47 iça; 48 acalmo, 49 termo, 50 ferro, 51 içam, 22 vias, 52 ata, 53 ao, 25 tio, 28 vi.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos distintos colaboradores «Dois Torrejanos».

HORIZONTAIS.—1 «Homem», Manto, «Rio». 2 Preposição, Louva, Sobrenome de mulher, Abundancia, Existe. 3 Medula, Montões. 4 Alimento, «Planta»; «animal». 5 Contr. de prop. com o artigo, «Letra», Inutil, «Letra», Acanhamento. 6 «Letra», Caminho, Pronome (fem.), Asa, «Letra». 7 Camada de ervas rasteiras, Sabor amargo e adstringente da fruta. 8 «Letra», actua, «Letra», Discurso, Abreviatura de meio dia. 9 Vasia, «Artigo», Saudavel, «Preposição», «Filha de Inacho». 10 «Mulher», «Ave», Século. 11 Classe, Sinal feito com a cabeça 12 «Conjunção», Bagatela, «Letra», Três letras de «Regulo», «Artigo». 13 Cortina, Madeira, «Rio da Suissa».

VERTICAIS.—1 Preposição, Egual, Ovario dos peixes, «Conjunção». 2 «Letra», No corpo humano, «Letra», Tempo, «Letra». 3 Reuno, «Esposa de Saturno», Modo. 4 Prefixo que significa animal, «Insecto», «Cidade da India». 5 Flanco, «Saudação», Doçura. 6 «Letra», Germen, «Letra», «Filho de Noé», «Letra». 7 Poeira, Cenotafio, Oxido de calcio, Verdadeira. 8 «Letra», Abundancia, «Letra», Roga, «Letra». 9 Embocadura de rio, Navego, Três letras de «Destorce». 10 Dadiva, Mulher, Tempo. 11 Lavrar, Escudo, Pasto. 12 «Letra», Chiste, «Letra», «Homem», «Letra». 13 Existe, Tripulação Maço, «Artigo».

QUADRO DE HONRA

CAPITÃO BOCHE, DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS, EL-REYS, FOFORONOFF, HERTOS, MARIDO, MULHER & FILHO, MARIO FREIRIA, N.º 2, NITO, NONÓ, PAUSANIAS, RENANDOF, SPARTANUS.

CORREIO

DOIS CARTAXEIROS.—Recebi e agradeço. Sairão na sua altura.

HERTOS.—Recebi o problema que está óptimo... pelo menos na aparencia, porque V. Ex.ª não enviou, certamente por esquecimento, as decifrações respectivas. Sem elas, não poderei publica-lo.

NITO.—Vamos dar-lhe um geito.

A TODOS OS COLABORADORES

Prevenimos que publicaremos, de preferencia, problemas no género do que hoje sai.

Varia

Solução do problema n.º 103

	Brancas	Pretas
1	23-18	11-8
2	14 3	8 4 (D)
3	3-21	4-2
4	21-25	29-22
5	18-29	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 104

Pretas 2 D e 6 p.

Brancas 1 D. e 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Resolveram o problema n.º 102 os srs.: Alvaro Santos, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Gomes (Bemfica), Neulame (Figueira da Foz), Pafg (Arcos de Valdevez), Sueiro da Silveira e Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Artur Santos.

Toda a correspondencia relativa esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardoso.

Grandes medicos de ontem e de hoje

Em Dezembro último, a França cultà celebrou o centenário da morte duma das mais gloriosas figuras da Medicina universal: o aniversário da morte de Teófilo Laënnee, o médico que inventou a auscultação.

Teófilo Laënnee morreu com quarenta e cinco anos de idade, tuberculoso, na pequena aldeia de Kerlouarnee, no dia 13 de Agosto de 1826. Dez anos antes da sua morte, quando acabava de ser nomeado chefe de serviço no Hospital Necker, de Paris, quando o seu nome já era célebre pelos seus trabalhos no Hospital Beaujou e na Salpetrière, e pela sua colaboração nos sessenta volumes do grande «Dicionário de Sciências Médicas», teve ocasião de inventar o processo de conhecer certos males pela auscultação, conquistando assim uma eterna glória.

Laënnee, o celebre medico que inventou a auscultação (quadro existente na Faculdade de Medicina de Paris)

O ilustre sábio seguia, numa gélida manhã de inverno, por um corredor do Louvre, quando a sua atenção foi atraida por duas crianças que brincavam com uns grandes bocados de madeira, ôcos, transmitindo duma abertura á outra o som de pequenas pancadinhas. O sábio parou, um momento, pensativo, scismando no partido que se poderia tirar daquela simples experiência de acústica. Daí a momentos, chegava ao hospital e, perante os seus discípulos e os enfermeiros boquiabertos, punha em prática uma das maiores invenções que a Historia da Medicina regista. Enrolou cilindricamente o seu caderno de observações e apoiou uma das extremidades no peito dum doente; colou o ouvido á outra extremidade e ouviu distintamente os diversos sons que o latejar cardíaco e a respiração produzem no torax. Sorriu, satisfeito. Estava descoberta a auscultação, estava aberto á Sciência um caminho fecundo, até então desconhecido. Daí por diante, o tratamento de todas as doenças do coração e pulmões teria como base a feliz invenção de Laënnee.

Pacientemente, o sábio aperfeiçoou o seu stetoscópio e, três anos depois, em 1819, publicava o célebre «Tratado de auscultação mediata», cujas idéas ainda hoje nada perderam do seu valor e são a base de tôda a patologia dos aparelhos respiratório e circulatório.

Laënnee era filho duma tuberculosa e herdara o terrivel mal, ou antes, a predisposição para o adquirir. O trabalho e as emoções acabaram de lhe arruinar a precária saude e, depois de ter recebido grandes honras, de ser nomeado médico da princesa real duquesa de Berny, catedrático da Faculdade de Medicina, académico, membro da Legião de Honra, depois de receber a homenagem das universidades de Stockolmo, Liége e Bonn, morreu, ainda novo, na aldeia de Kerlonarneo, onde fôra para restaurar as suas forças. Intelectualmente, foi um gigante; fisicamente, era um homem baixo, franzino, pálido, dêstes que passam despercebidos na multidão.

Ao pé do grande médico de ontem não fica mal citar os nomes dos notaveis sabios franceses Ramon, do Instituto Pasteur, e Christian Zoeller, professor agregado do Hospital de Val de-Grâce, que acabam de descobrir a anatoxina tetânica, ou seja, a vacina contra o tetano, a maneira de evitar que essa doença se declare, em tempo algum. Até agora, a seroterapia já encontrara um sôro imunizante, que se injectava ás pessoas que se feriam, em quedas dadas na rua. Esse sôro, porem, sendo de grande eficacia, não representa uma garantia absoluta, visto que, uma vez eliminado pelo organismo, o que sucede em breves dias, deixa êste indefezo contra a virulência dos esporos tetânicos que, dum momento para o outro, podem recuperar a sua actividade. A eficácia do sôro vai diminuindo de cada vez que êle fôr injectado. A duração da imunidade não podia, portanto, ser aumentada. A invenção dos Drs. Ramon e Zeller tem sôbre o sôro a vantagem de substituir um tratamento incómodo e por vezes doloroso, por uma vacina nada dolorosa e inofensiva, e, ao mesmo tempo, de eficacia muito prolongada. E' claro que a vacina não dispensa, no caso de suspeita da doença, a aplicação rápida do soro, cujo efeito é imediato, se bem que pouco duradouro. A vacina, depois duma ferida suspeita, não basta para estabelecer a imunidade necessária. A vacina Ramon-Zeller é para imunizar contra a doença todos aqueles cujas ocupações os põem em risco de apanhar a infecção tetanica; é, por exemplo, indispensavel para os trabalhadores rurais e para os soldados em campanha.

Os medicos Christian Zoeller e Ramon, que descobriram recentemente a vacina anti-tetanica

Vê-se que, pouco a pouco, a Sciência vai roubando á Morte alguns dos seus mais terriveis meios de ataque. Fixemos e veneremos os nomes de quem luta tão brilhantemente contra tão forte adversaria.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 104

por P. H. Williams

Pretas (1)

Brancas (4

As brancas jogam e dão mate em tres lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 103 (A. C. White)

1 T. 4 C D

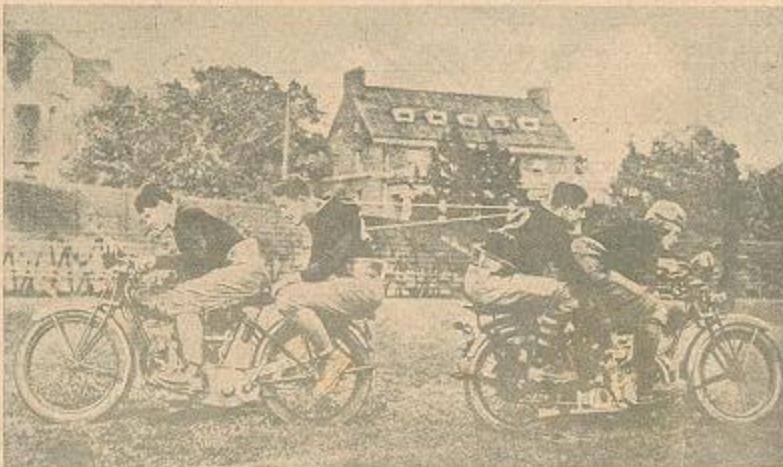
Resolveram o problema n.º 102 os srs. Nunes Cardoso Grupo de Amadores de Xadrez de Rio de Moinhos (Abrantes) e prof. Sueiro da Silveira que resolveu egualmente o n.º 101

Actualidades gráficas

NO PALACIO DO CONGRESSO

A comemoração do ano novo. Oficiais da armada e altas personalidades saindo do Palacio do Congresso, apoz os cumprimentos ao Chefe do Estado.

INAUGURAÇÃO DE UM NOVO MERCADO

Um aspecto do novo mercado 1.º de Dezembro, na Rua Alexandre Herculano

PELOS TEATROS

Almeida Cruz, distintissimo artista, primeira figura masculina e emprezario do Teatro Apolo, onde a sua direcção se faz sentir, no explendido sucesso da «Mouraria».

A GRANDE MODA NA AMERICA

As elegantes americanas lançaram a moda extravagante das aplicações de peles de coelho aos fatos de banho.

O TREINO DOS ATLETAS

Para o sport violentissimo que é o rugby, os jogadores, com o fim de se manterem nas boas condições fisicas que aquele exercicio requere, sujeitam-se aos treinos de resistencia mais rudes, como este que a gravura apresenta.

A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

O DOMINGO ilustrado

UMA PEÇA Á "SENSATION"

A scena culminante da "Garçonne", no Trindade

Erico Braga, o bisarro emprezario, acaba de audaciosamente pôr em scena no seu teatro, "A Garçonne". A discutidissima peça, baseada no romance francez, despertou enormes tumultos na sua "première", conquanto tenha uma finalidade moral.